



Director literario:

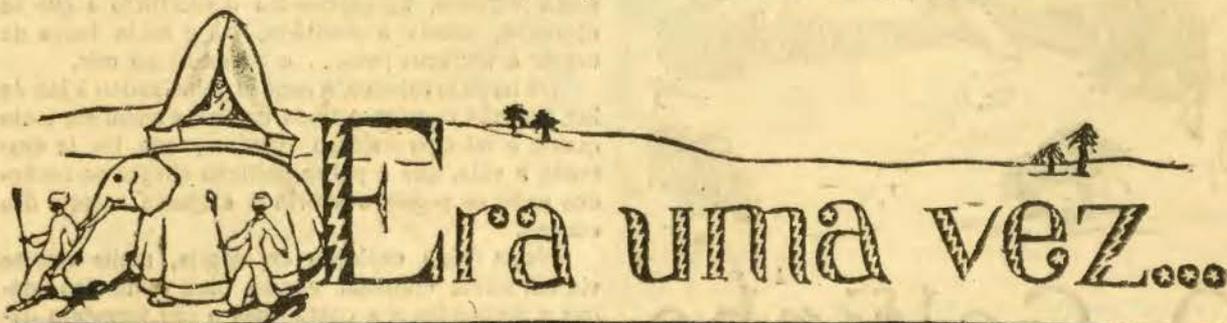
Arquibaldo
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE



O Medalhão de Gizela

Por ADELAIDE V. FRAGOSO

Desenhos de EDUARDO MALTA



ISS! depressa! Só falta o véu e o diadema! Pronto! Estou bonita, querida miss?

— Decerto, decerto. Menina Lili, sempre bonita! Esse fato de fada ficou muito bem a Lili! Vou chamar a mamã para admirar.

E a excelente miss safu do quarto de vestir e encaminhou-se para os aposentos de D. Lucia.

Enquanto ela foi, Lili, loura criança de 10 anos, ia compondo melhor o seu elegante «travesti» de fada que lhe ficava muito bem.

Os seus longos cabelos caíam-lhe graciosamente sobre os ombros nus e alvos como a neve. Uma túnica de setim branco constelado de pequeninas estrelas douradas, caía-lhe até aos pés, calçados igualmente de setim rosa. A ornar-lhe a fronte, um fino fio de ouro com uma estrela no alto. Estava de veras encantadora a meiga Lili.

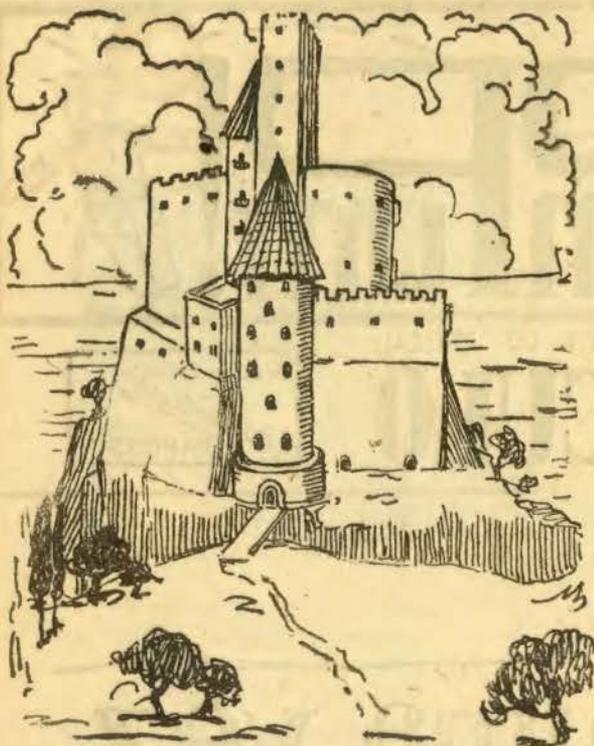
No dia anterior recebera pelo correio um cartão redigido nestes termos:

Gisela de Matos convida a sua amiguinha Lili para um baile, «masqué» que terá lugar domingo à noite.

Aquele simples bilhete viera fazer uma verdadeira revolução em casa de Lili. Os pais que nada lhe sabiam recusar, acederam em deixá-la ir e começou-se logo a tratar do «travesti» para a linda criança.



(Continua nas páginas 4 e 5)



O Golfinho

— POR MARIA GABRIELA —
DESENHO DE EDUARDO MALTA



ERA edificado sobre as rochas, o castelo onde viviam os condes com sua filha: — a linda Guiomar. Tinham sido as ondas que a haviam acaloritado quando pequenina, e eram ainda agora elas que acalentavam os sonhos belos que a sua cabecita idealisava, quando, ao pôr do sol, vinha olhar o mar.

Não muito distante, no seu ducado, vivia seu tio, homem de maus sentimentos e de grande hipocrisia que, à viva força, pretendia casar com a sobrinha, mesmo contra a vontade da pobre pequena, que se revoltava ao pensar em vir a ser sua mulher. Mas um dia, o duque, tomado duma raiva imensa contra os obstáculos que os condes punham constantemente ao seu desejo, raptou-a, a horas mortas, para um barquito que sobre as ondas baloiçava e, debaixo da acção de um narcótico, lá a levou como sua prisioneira para uma torre isolada numa ilha, longe, bem longe do seu tão lindo castelo.

E a loira Guiomar ali passou dias sem fim, numa mágua só comparada ao travo do seu pranto. Tinha como distracção única a muda contemplação dum golfinho prateado que tôdas as noites a vinha olhar demoradamente até ela se retirar da varanda. Depois triste e lentamente ia-se embora, de olhos fitos na torre.

Um dia, mais do que nunca, as lágrimas de Guiomar foram copiosas e a sua dôr foi atroz; soltava queixumes duma mágua tam intensa que até o próprio Oceano parecia comovido; então, como que transfigurado, argenteo como jámais ela o havia visto, o golfinho elevou-se numa onda e disse-lhe assim: Guiomar, eu posso pôr fim ao teu martírio; monta o meu dorso e pede a Deus que me dê forças para te transportar ao teu longínquo e amado castelo.

Sorriu a loira prisioneira e, numa voz onde havia ainda lágrimas, agradeceu-lhe o sacrificio a que se dispunha, pronta a aceitá-la, tal a ância louca de tornar a vêr seus pais... e atirou-se ao mar.

De largo arco-boiço, o famoso peixe nadou à luz da lua, levando consigo a linda menina a quem êle tanto queria e foi num esforço suprêmo, que lhe ta custando a vida, que o pobre golfinho atingiu os rochedos onde se erguia o sóbrio e elegante castelo dos condes.

Numa doida explosão de alegria, assim que se viu em terra, Guiomar correu para junto dos condes a abraça-los e a contar-lhes o seu tormento durante os longos dias passados na torre, e quando o dia já ia em meio, é que se lembrou do seu libertador, tam corajoso e bom, que por ela havia exposto a vida. Correu a olhar o mar, mas nada viu e foi só na noite seguinte que conseguiu vê-lo a olhá-la como dantes.

Desceu à beira-mar, chamou-o com carinho, na ância de lhe patentear a sua gratidão, pediu-lhe para nunca mais se ir embora e vir viver no lago do seu parque para que ela o pudesse vêr a todo o instante.

Era impossível; o pobre golfinho estava sentenciado a não poder vêr a luz do dia e teria que se ir embora em breve, pois a noite ta findar. Então a menina agarrou-o com as duas mãos, pegou lhe ao colo e levou-o para casa, já então banhada de sol, e ficou atónica, meia tonta, ao vêr que em vez do peixinho ela tinha agarrado um lindo principe que a olhava a sorrir.

— Mas, ó principe, quem és tu? indagou ela surpreendida...

— Sossega, Guiomar, eu sou o golfinho que te salvou das garras do teu tio e a quem tu acabas de quebrar um grande encanto, salvando-me dum castigo duma má madrinha que assim me fadou quando eu era pequenino.

Anda, vamos abraçar teus pais, e que êles nos abençoem. Depois de um padre também nos ter dado a benção do casamento, iremos pedir a meu pai nos faça justiça, a meu pai um rei poderoso e bom... e juntos subiram as escadas de tapeçarias persas que davam para os aposentos dos condes;

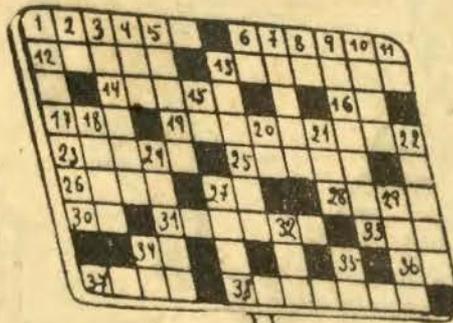
F I M

HORA do RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontalmente

1, gentil; 6, descuidos; 12, ódio; 13, trave; 14, grau de pareníesco; 16, contracção da preposição e artigo; 17, gui-sado de camarões e ervas; 19, tratado do ar; 23, menino; 25, lastime; 26, irritar; 27, nota de musica; 28, coragem; 30, duas vogais; 31, corda com que se prende um navio á ancora; 33, arvore de que se aproveita a casca para aroma-tizar o vinho; 34, atmosfera; 36, caminhava; 37, preposi-ção; 38, cordeis com que se prendem os toldos ás beiras dos escaleres.



Verticalmente

1, calafrio; 2, caminhava; 3, galhofa; 4, corpo formado no óvário; 5, astuto; 6, nota de música; 7, ferro-velho; 8, pata; 9, simples; 10, resai; 11, único; 13, determinar; 15, nota de musica; 18, animal bravo carnívoro; 20, designa-tivo de alegria; 21, interjeição que designa duvida; 22, dese-ja-la; 24, espécie de animal carnívoro do Brasil; 21, gló-ria; 29, designativo de aumen-to; 32, mostrar-se alegre; 34, atmosfera; 35, caminhar.

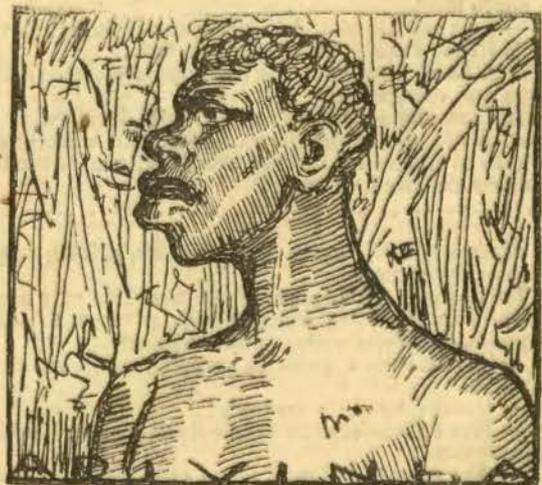


ADIVINHAS

POR MORENITA

- 1 — Qual é a terra portugüesa que é alvo?
- 2 — Qual a terra portugüesa que é também um lago pequeno?
- 3 — Qual a terra portugüesa que é também um mercado muito grande?
- 4 — Qual a terra portugüesa ondê há firmeza?
- 5 — Qual a terra portugüesa já de idade avançada?
- 6 — Qual a terra portugüesa que está nos navios?
- 7 — Qual a ilha portugüesa que é também ave carni-vora?
- 8 — Qual a terra portugüesa que é lagõa?
- 9 — Qual a terra portugüesa que é nome de mulher?

Meus meninos: — Vejam lá se des-cobrem o patrão dêste preto?!





O Medalhão de Gizela

(Continuação da página 1)

Depois de terem folheado todos os figurinos e visitado alguns armazens, resolveram confeccionar um fato de fada. Lili possuía longos cabelos e isso prestava-se para realizar melhor o que desejavam.

Lili continuava a compôr-se ao espelho, quando uma voz muito sua conhecida a interrompeu e fez voltar a cabeça;

— Vaidosa! Sabes que estás irresistível e abusas da tua sedução exclamou D. Lucia que sorrindo correu para a filha beijando-lhe suavemente o rosto, as mãos e os cabelos.

— Não sou vaidosa, mãezinha! O menino Jesus não gosta das meninas que tenham esse defeito! Enquanto a esperava, ia endireitando o diadema que a boa miss deixara um pouco torto.

— Bem sei, filhinha! Isto disse eu a brincar! Mas estás tão linda! Parece uma verdadeira fada.

E D. Lucia afastava-se um pouco para melhor admirar a filha que extremecia.

Mas era preciso apressarem-se. O baile devia estar a começar. A boa senhora pegou na mão de Lili e desceram à rua onde as esperava o luxuoso automóvel que as conduziria a casa de Gizela de Matos.

.....

Linda e alegre, vestida de Colombina, Gizela, recebia os seus convidados.

Para os pais das crianças estava reservado uma pequena sala, ficando a outra, bastante vasta, para que as pequenas pudessem dançar e divertir-se livremente.

As exclamações e gritos de surpresa, acolhiam os que chegavam.

— Quem é este belo marquês?

— Mas é Francisco! Se tu não tivesses rido, não te teria reconhecido!

— Oh! A gentil Italiana! Como estás formosa, Arlete?

— E estes dois págens, quem são? perguntou uma engraçada Pierrette.

— Parece-me que são Matilde e o irmão Luciano!

De minuto a minuto, o número dos mascarados aumentava, Gisela esforçava-se para fazer bem o seu papel de dona de casa. Todavia às vezes distraía-se e olhava frequentemente para a porta. É que Lili e Madalena, as suas melhores amigas, ainda não tinham chegado.

Madalena era uma criança de 12 anos e que conhecia há pouco tempo Gisela. Não admirava pois, se esta não fosse ainda muito sua amiga, mas Gisela era daquelas pessoas que se afeiçoavam facilmente.

Além disso, Madalena tinha orgulho em mostrar às suas amigas que se dava com pessoas distintas.

D. Ana, a mãe de Gisela, não gostava muito que a filha se desse tanto com Madalena que não possuía muito boas qualidades. Mas como se dava com os pais tinha que se conformar.

De repente a porta do salão abriu-se e apareceram no limiar Lili e Madalena.

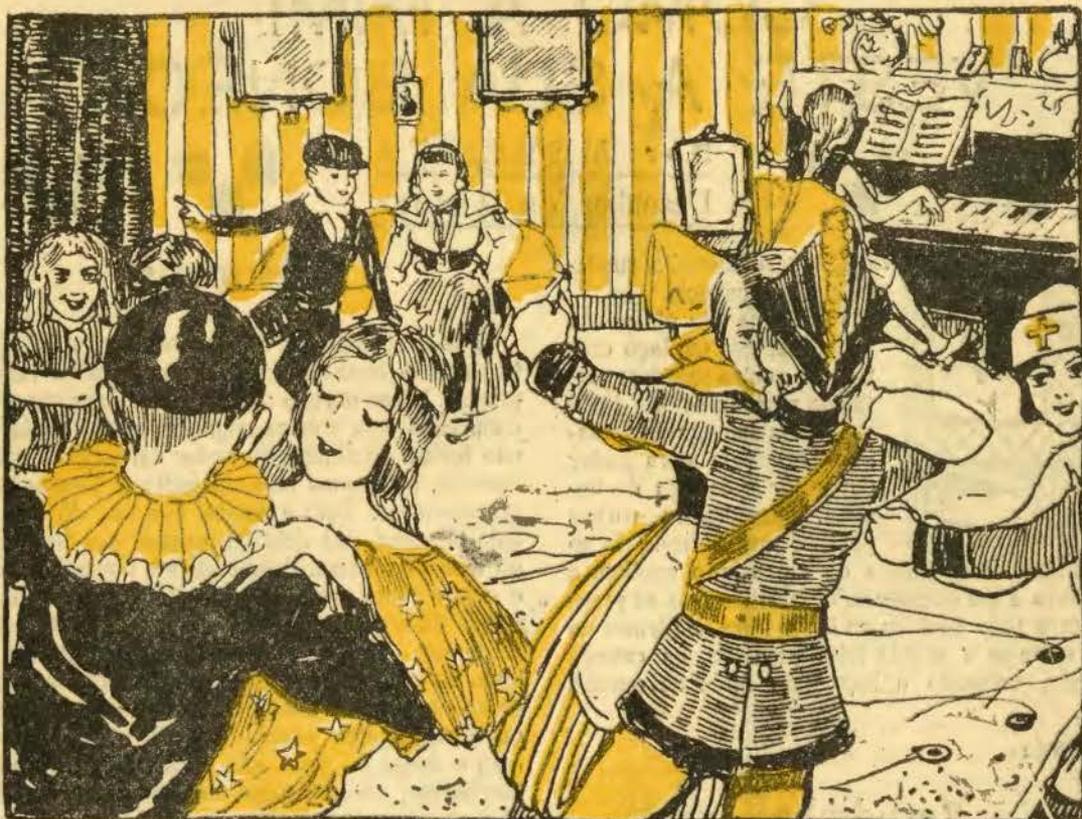
Gisela correu para elas e, depois de as abraçar, perguntou-lhes:

— Porque vieram tão tarde? Já desesperava de não as ver chegar! Como veem bonitas! Tu és uma verdadeira fada, Lili. E tu Lena também estás elegante no teu traje de Veneziana!

Gisela apresentou Lena à maior parte das suas amigas que ainda a não conheciam.

Depois de terem dançado algum tempo, as crianças cansaram-se e pediram para jogar qualquer jogo para se divertirem.

— Para passar o tempo vou mostrar-vos um presente que a minha avó me deu no dia do meu aniversário, disse Gisela. Sigam-me. Vamos ao meu quarto.



A alegre banda acompanhou-a e entraram no quartozinho de Gisela.

— Tens um bonito quarto! disse Lili. Esta sêda azul claro fica muito bem forrando as paredes.

Gisela aproximou-se do toucador e abriu uma pequena gaveta. Tirou um estojo de veludo carmezim e abriu-o, ficando a descoberto um soberbo medalhão com a imagem da Virgem-Maria. A cercadura era em brilhantes e pérolas.

— É soberbo!

— Uma maravilha!

E estas exclamações saíram de tôdas as bocas.

Gisela sentia-se deveras orgulhosa com aquele sucesso:

— É um medalhão antiquíssimo, que um meu antepassado trouxe da Índia. A minha família tem-no usado sempre e agora a avózinha deu-mo.

— Todas as crianças não se fartavam de admirar a joia.

Madalena lançou-lhe um olhar de inveja, mas não deve nada. Lili disse:

— Guarda bem essa relíquia, Gisela. Para ti disse têr dobrado valor!

Gisela fechou o estojo e colocou-o sobre o toucador.

— Não o guardas na gaveta?! perguntou Lili admirada.

— Não é necessário. Ninguém o tirará daqui. Os meus criados são honrados.

— Venham tomar chá, gritou a mãe de Gisela.

Todas as crianças correram para a sala de jantar e sentaram-se à mesa.

Acabaram de tomar o chá e organizaram alguns jogos interessantes:

— Se jogássemos ao jogo do «São»?

— Não, aos retratos é melhor, é mais engraçado. Cada uma sai por sua vez, e nós que ficamos escolhemos um personagem célebre, fazemos o seu retrato e aquela que está escondida tem que adivinhar quem é. Se souber ganha um prémio. Se não adivinhar perde.

— Está bem; joguemos aos retratos, disse Lili. Sou eu a primeira a esconder-me.

A loura criança desapareceu para o corredor, enquanto as outras ficavam em conselho.

— Adivinha, Lili! gritou Gisela: Um homem célebre que

lutou pela sua pátria e que sacrificou a sua vida por ela. Nos altares lá encontrarás irmãos dêsse príncipe.

— Tinha irmãos, Lili?

— Sim, responderam as outras.

— Morreu em Portugal?

— Não!

— Então é o príncipe Santo, que morreu em Fez.

— Advinhaste.

E assim continuou o jogo, até que as crianças, cheias de sono, pediram para irem para casa. Tinham já batido 6 horas da manhã.

— Boas noites, minha senhora! Adeus Gisela! obrigado.

E as pequenas, mascaradas, retiraram-se muito satisfeitas com a bela noite que tinham passado.

Gisela também se retirou para o seu quarto. Ia já deitar-se, mas não resistiu a vêr mais uma vez o seu tesouro: o medalhão.

Aproximou-se do toucador e abriu o estojo. Um grito de desespero, saiu-lhe dos lábios... o estojo estava vazio!

A mamã acorreu para saber o que acontecera.

— Que tens, querida? Caíste?

Gisela não podia falar. Os soluços subiram-lhe á garganta. Quando se pôde explicar, a criança gritou.

— Roubaram-me o medalhão!

— Roubado, não, filha! Isso não pode sêr! As tuas amigas são bastante educadas para fazerem essa feia acção! procuremos! Talvez tivesse caído.

Mas não! Por mais que procurassem não acharam a soberba joia.

— Parece-me que foi Lili! Ela admirou tanto o medalhão? gritou Gisela indignada. Conheço o seu génio invejoso. Estou certa, que foi ela.

— E' indigno de ti o que acabas de dizêr! replicou D. Ana severamente. Lili não é invejosa nem ladra!

Gisela estava desesperada e a mamã bastante contrariada.

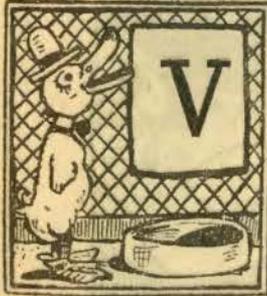
Quem sabe?... Talvez a culpada se arrependêsse e restituisse a joia.

— Faze vêr o teu desgosto a tuas amigas, Gisela. Mas vê lá não dês a perceber que desconfias de qualquer delas!

(Continua na página 8)

COMO A MIMI VESTE A SUA BONECA

Por MORENITA
Desenhos da Autora



AMOS agora fazer-lhe um laço para a cabeça.

Com uma fita um pouco larga fazemos um laço com três ou quatro laçadas; cortamos uma outra fita igual mas mais estreita de tamanho suficiente para poder dar volta à cabeça da boneca. Franzimo-la numa ponta e prendemo-la ao laço, por baixo.

Franzimo-la do outro lado também e prendemo-la a um bocadinho de elástico que se prende do outro lado também ao laço. Para o pôrmos na boneca, enfia-se a argola feita pela fita, na cabeça da boneca, voltando o laço para onde se quiser, (Fig. 1).

Para este

Vestidinho

deve empregar-se crêpe da China, foulard, étamine estampada, organdi, cambraia ou outra fazenda fina.

Começamos por talhar um vestido conforme a (fig. 2). Fechamo-lo dos lados e nos ombros (já sabemos como isso se faz). Fazemos-lhe a bainha por baixo, e debruamos o sítio das mangas e decote com uma fitinha que pôde ser da mesma cor do vestido mas noutra tom ou, então, se a fazenda for estampada, (estampada quer dizer que tem desenhos) da cor dos desenhos.

Já sabemos também como se debrua.

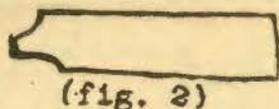
Agora cortamos três tiras da mesma fazenda, que deem cada uma duas voltas em roda do vestido. As tiras não serão muito largas, devem ter cada uma pouco mais dum terço da saia. Fechamos as tiras, debruamos dum lado as três com fita igual à já empregada e franzimo-las do lado oposto até dar a largura da saia. Prega-se, então, a primeira tira à saia no sítio onde se quer marcar a cintura. Para se prender à saia, voltamos a tira das avéssas com a parte franzida para baixo; enfiámos-lhes o vestido dentro e alinhavamos a parte franzida à saia. Alinhava-se depois a segunda pelo mesmo processo, um pouco escondida debaixo da primeira e a terceira um pouco escondida debaixo da segunda, de maneira que fiquem todas com a mesma largura. Depois cosemos então com ponto atrás e tiramos o alinhavo. Temos assim um elegante vestidinho de folhos (fig. 3).



As meias

Podia ensinar-vos a fazer meia, mas decerto nem todas têm bonecas a que mereça a pena fazer umas peúgas. Umhas porque não podem, outras porque apreciam mais uma boneca mignone, outras ainda porque não teriam paciência de andar talvez uma semana a fazê-las, ponhamos isso de parte e façamo-las mais praticamente. Pedi à mamã que vos dê uma camisola já velha, das dela ou mesmo uma fina do papá, do mano ou vossa. Dobramos um bocadinho ao meio e com a linha preta fazemos um alinhavo um pouco miúdo no sítio por onde havemos de cortar (fig. 4). Enfiámos, então, na perna da boneca, para ver se fica bem. Se estiver bem, cosamos com ponto atrás miudinho no sítio do alinhavo, cortemos depois, um pouco afastado dos pontos (fig. 5); abramos a costura com o dedal e, para não escaparem as malhas tão facilmente, chalcemo-las. Se podermos fazê-las dos punhos que têm uma espécie de bainha, tanto melhor; não podendo façamo-la nós mas dobrando muito pouco para dentro para não fazer volume ou mesmo choleando na ponta e prendendo-a assim.

Também se podem fazer com farpa. Para isso começamos por fazer a palmilha e depois por meio mates, leva-las até ao tornozelo onde se faria um bocado direito, depois voltava-se ao contrário e continuava-se fazendo, fingindo o elástico; ou então começavamos no princípio do pé e ao chegar ao calcanhar acrescentavam-se malhas; depois tornavam-se a reduzir e voltava-se a fazer em tudo em volta, como até ali. Já que falamos na farpa e agora que se usam as gorras de malhas, vamos fazer-lhe também uma. Se a boneca for grande, podemos empregar a lã, se for pequena empregaremos algodão perlé. Começamos por fazer uma redondela que se irá aumentando sempre até sair fora da cabeça. Não sabem fazer? Façamos com a linha uma espécie de laçada onde enfiámos a farpa; depois passando a linha, que segue para o novelo, em volta do dedo indicador da mão esquerda seguramo-la com os outros dedos fechados mas deixando-a correr quando faz falta; com o polegar seguramos a ponta solta. Enfiámos então a farpa, da mão para a ponta do dedo, por baixo da linha (no indicador) e puxa-se esta até entrar na argola que já está na farpa (fig. 6). Para acrescentar malhas, enfia-se duas vezes no mesmo sítio. Não acrescentar também demais, é claro, para não fazer folho (fig. 7). Depois, vamos matando mas de longe em longe para não matar de repente, por exemplo: na primeira volta de sete em sete, na segunda de cinco em cinco, na terceira de três em três. Em já estando bem, voltamos a gôrra do outro lado e continuamos a fazer mais uma volta sem ma-



processo, prende-se á sola. Não temos mais que fazer as ilhós dos lados, calçá-la à boneca, enfiar-lhe um cordãozinho e atar. Vamos agora fazer-lhe uns

Sapatinhos

Cortamos pelo mesmo processo, num papelão, as solas, às quais para dar maior realce faremos uns traços fingindo o tação (fig. 12) depois, se tiverdes um bocado de veludo preto, ficarão muito bonitos, se não tiverdes, mesmo de setim, dobrai-o ao meio e cortai conforme (fig. 13). Cosei em costura na frente como fizemos com as botas detrás, e caseemos com pontos pequeninos e certos, com linha de côr da fazenda é claro, em tudo em volta, na parte de cima; choleemos a parte de baixo também em tudo em volta. Dobrêmos então um bocadinho em volta por baixo para dentro e por dentro cosamos com ponto adeante à sola (fig. 14 e 15). Teremos assim um lindo sapatinho.

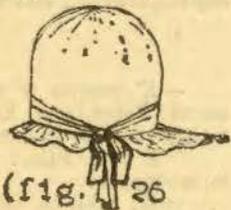
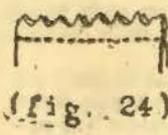
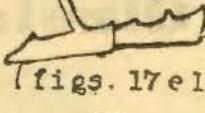
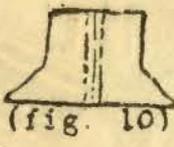
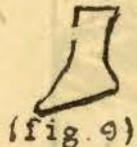
Se o quizermos fazer á bebé quando talharmos a parte de cima fa-la-emos conforme a (fig. 16). Se a quizermos com uma presilha, então temos que nos guiar pelas (figs. 17 e 18). Isto é, uma parte terá uma presilha grande e outra uma pequenissima apenas para o botão. Se os quizermos abotinados, cortaremos conforme a (fig. 19); prende-se até ao meio, na frente; e dali para cima fazem-se as ilhós dos dois lados para enfiar uma fita que atará em cima. Se os quizermos de laço e presilha talharemos conforme a (fig. 20): Nas partes riscadas é a fazenda cortada e caseadas as presilhas. No cimo faz-se uma ilhó (fig. 21). Depois não temos mais que enfiar nas ilhós uma fita e dar um laço. E de calçado já a nossa boneca está fornecida.

Para terminar, vamos então fazer-lhes também alguns

Chapeus

Se tivermos palha dum vosso, já velho, podeis fazer um, para a boneca. Com ponto de cadeia começais a sobrepor a palha até ficar uma redondela um pouco côncava, em estando à medida da cabeça começais a sobrepor-la para baixo (fig. 22) até chegar á nuca e ás sobrançelhas da boneca, depois

(Continua no próximo numero)



tar nem acrescentar. Esta volta ficará ao contrário, o que dará muita graça á gôrra.

Vamos agora fazer-lhe o calçado. Começamos por umas

Botas

Cortamos do feitio da planta do pé da boneca, uma palmilha que caseamos em volta (fig. 8). Cortamos, então, as duas partes de cima que terão o feitio da (fig. 9); com ponto atrás prendemos uma à outra na parte de trás (fig. 10); caseamos em volta também. Feito isto, desde o peito do pé até à ponta, uniremos as duas metades (fig. 11) isto é, com ponto de cholear vamos apanhando sempre, só a linha que faz a espécie de arquinho. Depois, pelo mesmo



O Medalhão de Gizela

(Conclusão da página 5)

Gisela calou-se e deitou-se, mas não conseguiu conciliar o sono. Apesar do que a mãe lhe dissera, ainda desconfiava de Lili.

Quando abriram as aulas, Gisela expôs às amigas o seu desgosto. Mas apesar do que lhe aconselhara a mãe, certos olhares, meias palavras e gestos, dera a perceber que suspeitava da pobre Lili. Felizmente só esta é que percebeu, mas calou-se.

Se algum segredo existia, continuava no mistério.

— Lena não veio hoje ao colégio? perguntou Gisela.

— Foi viajar com os pais, disse uma garota.

— Nem se despediu de mim! respondeu Gisela despeitada.

— Nem de ti nem de nenhuma! Também não deixou saudades.

As aulas terminaram e Gisela foi para casa.

Ao entrar na sala viu sobre a mesa um envelope sobrecritado para ela e ao pé um pequeno embrulho.

Abriu a carta e apressou-se a ver a assinatura: Madalena Brazão. Admirada que a amiga lhe escrevesse logo, começou a lêr, mas, ás primeiras palavras, deu um grito e chamou a mãe:

— Mamã, mamã! Venha cá depressa!

D. Ana correu para a filha e começou a lêr a carta que dizia.

Minha querida Gisela

Tenho medo do que te vou dizer, porque talvez não me perdões nunca. Desculpa, querida! No momento de louca inveja... roubei o teu medalhão. Quando foi a minha vez de me esconder no corredor, cheguei ao teu quarto e tirei o que lá guardavas religiosamente e sem receio de que te roubassem, pois tinhas confiança em todas nós. Eu então, mi-

seravelmente, abusei dessa confiança e tirei-o. Pelo mesmo correio to envio, porque não tenho coragem de te aparecer. Perdôa-me e depois esquece-me porque já não sou digna da tua amizade.

Adeus, querida amiga! Aceite um afectuoso abraço da ingrata, mas que está bastante arrependida:

Madalena.

— E' preciso ir a sua casa, logo que ela chegue, mamã! Pobre Lena! E' bem digna de dó. Está arrependida e eu perdôo-lhe do coração.

— E Lili, filha? Essa loura criança a quem acusaste injustamente?

— E' verdade, mamã? Também preciso que ela me perdôe.

Vem pôr o chapéu e corre a casa dela.

D. Ana, satisfeita, preparou Gisela e acompanhou-a a casa de Lili.

As duas amigas abraçaram-se e Gisela com as lágrimas nos olhos, pediu perdão á sua amiguinha do desgosto que lhe dera.

— Estás perdoada, querida. Custou-me é verdade que desconfiasses de mim que tão sincera tenho sido sempre para ti, mas agora que estás arrependida, tudo passou. Daqui a alguns dias vamos a casa de Lena. Pobre pequena! Deve estar bastante desgostosa!

Tôdas contiuam felizes. Gisela tomou uma boa lição que foi proveitosa. Todavia, quando, ainda Gisela desconfiava ligeiramente de qualquer pessoa, a sua mamã diz-lhe logo: «Lembra-te do medalhão! E' preciso evitar as suspeitas injuriosas».

FIM